



TE

1750

JOANNINA
ou
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
POEMA HEROICO

JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
POEMA EPICO.

JOANNNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
DEFENDIDA

PELO
SENHOR REY D. JOAO I.
POEMA EPICO
ORRACIDO
AO SERENISSIMO SENHOR

D. JOZE
PRINCIPLE DO BRAZIL

POR
JOZE CORREA
DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO
MOÇO FIDALGO DA CASA DE SUA MA.
ESTADO FIDELISSIMO



COIMBRA:
Na Real Officina da Universidade,
Anno de M. DCC. LXXXII.
Com licença da Real Mesa Censória

Sta Cruz de Coimbra

JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
DEFENDIDA
PELO
SENHOR REY D. JOAÕ I.
POEMA EPICO
OFFERECIDO
AO SERENISSIMO SENHOR
D. JOZÉ
PRINCIPE DO BRAZIL
POR
JOZÉ CORREIA
DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO
MOÇO FIDALGO DA CAZA DE SUA MA-
GESTADE FIDELISSIMA.



COIMBRA:
Na Real Officina da Universidade,
Anno de M. DCC. LXXXII.

Com licença da Real Meza Censoria.

JOANNES
 DEDICATORIA
 DE FORTUNA
 SERENISSIMO
 SENHOR
 D. JOÃO
 D. JOÃO
 D. JOÃO
 D. JOÃO

E en tempo de
 ilustrar o front
 com o respectivo
 nome de



DEDICATORIA.

SERENISSIMO

SENHOR



*E eu tenbo a honra de
illustrar a frente do meu Poema
com o respeitavel nome de V. A.,
naõ*

naõ he sòmente a impulsos da minha vaidosa gloria; mas tambem a beneficio da generosa benignidade de V. A. Eu o faço porque V. A. se dignou de o permittir assim; mas nem V. A. deveria escuzar-se de conceder-me esta graça, nem eu poderia impedir-me de pertendella, sendo o assumpto da minha Epopéa a Liberdade de Portugal, e o Heróe della o Senbor Rey D. João I. gloriosissimo Progenitor de V. A.

A clara fama deste grande Defensor da Patria interessa muito particularmente a V. A., pois que da immortalidade della procede
buma

huma grande parte do magestoso esplendor, que adorna a Real Pessoa de V. A., e que V. A. deve recolher o fructo principal dos illustres trabalhos daquelle Augusto Principe, que se propoz por fim da sua grande, e admiravel acção, a conservação da Corôa, e a independencia do Trono Portuguez; qualidade, sem a qual, este não seria já mais digno de receber em si a V. A.; e eu, que tive a ousadia de cantar esta grande acção, seria indigno até de intentar a empreza, se tivesse tão baixo espirito, que podesse escolher, para authorizalla, algum

amud

algum Mecenas, em quem não circulasse o mesmo sangue do meu Heróe.

A paixão pelas virtudes heroicas, e o zelo da gloria nacional foraõ quem unicamente me animáraõ a este empenho; e os sentimentos, que partem destes principios, não se desmentem já mais com huma lizonja vil, ou hum sacrificio indecente. Eu offereço a V. A. o que lhe pertence, e que só pode pertencer particularmente a V. A., que são as glorias da sua propria Caza: se ellas perdem alguma cousa em serem cantadas por mim, he só por falta
de

de talentos , e não de desejos.

Eu os tive sempre de servir aos meus Soberanos , e á minha Patria ; e se os fructos não corresponderão ás diligencias , seria falta de fortuna , ou talvez culpa da minha inutilidade ; mas ainda convencido desta , eu pertendo mostrar a fidelidade do meu zelo neste pequeno tributo , querendo á Patria, e dedico a V. A.; de quem (segundo o estylo das dedicatorias) eu devêra agora referir as excelsas virtudes ; mas deixo de o fazer pelo receyo de não poder accommodar tão grande assumpto em tão pequena obra,

e

XCVIII.

Em defenza do Mestre hum Cavalleiro
 Da mesma insignia corre valoroso ;
 Mas foi-lhe só na sorte companheiro
 Ferido de outro golpe furioso ;
 Segundo vai , e vai tambem terceiro
 Accrescentar o caso lastimoso ,
 Que Pereira feroz não se dilata ,
 Cada golpe , que dá , ou rende , ou mata ,

XCIX.

Nem menos cobiçozos de vingança
 Se mostraõ varios outros Portuguezes ;
 Alli corre Pavêdo sem tardança ,
 Martins alli se illustra muitas vezes :
 Rompendo Almeida vai com segurança
 Cabeças , peitos , murrioens , e arnezes ;
 Mas saõ tantos no campo os Castelhanos ,
 Que não sentem da falta os graves damnos.

C.

Atêa-se outra vez a chama viva
 Do fogo Marcial naquelle instante ,
 Qual das cinzas renasce mais activa
 A faisca talvez pouco importante :
 Anima ao Luso a raiva vingativa ;
 O poder ao Hespanhol faz arrogante ,
 E cada qual ardendo em ira pura ,
 Ou vencer , ou morrer alli procura.

Contar

CI.

Contar daquelle dia os casos varios ;
Os encontros crueis , os golpes fortes ;
Os estragos fataes , os temerarios
Excessos da vingança , as duras mortes ,
Os effeitos da raiva extraordinarios
Executados por diversas fortes ,
Só tu Musa , que tudo tens presente,
Poderias fazelo dignamente.

CII.

Tocava o Sol já quasi desmayado
Os liquidos cristaes de Thetis fria ;
E das sombras do monte levantado
A vifinha campanha se cobria ;
Acabava-se o termo assignalado
Ao brilhante esplendor do claro dia ;
E durava no campo infatigavel
A furia de matar infaciavel.

CIII.

Naõ canção de ferir os fortes braços ;
Naõ cessaõ de irritar-se os odios duros ;
A fêra raiva alenta os membros lallos ;
Sustenta a ira os peitos mal seguros :
Cada vez da porfia os tristes laços
Nos bravos coraçãoes se vêm mais puros ;
E só a noite escura , que os divide ,
Aparta , e naõ decide a dura lide.

A

CIV.

A noite escura em fim, o termo assigna
 Da contenda fatal, e porfiada,
 Sem que alguma das partes seja digna
 De cantar a victoria desejada:
 Providencia da sorte foi benigna,
 Faltar a luz, que a ser mais dilatada,
 Faltariaõ talvez nos dois partidos
 Quem fossem vencedores, quem vencidos.

FIM DO CANTO II.



A LIBERDADE.

CANTO III.

A R G U M E N T O .



RETIRADOS do campo os combatentes , procuraõ algum descanso no socego do somno ; mas o Heróe , a quem inquietaõ mais vivos desvéllos , occupa a noite nos cuidados da defensão do Reyno , e sobre este ponto confere largamente com Monferro Cavalleiro Inglez , de quem faz muita confidencia ; e depois de tratarem ambos do soccorro , que esperavaõ de Inglaterra , e de outras disposicoens militares , se divertiaõ em tratar de outras noticias curiosas , e por esta occasiaõ pede Monferro ao Defensor , que lhe dê alguma idea da Historia de Portugal. Conta o Heróe os principios da povoação deste paiz , e as diversas

sas

*fas gentes, que a elle vierão, ou commer-
 ciar, ou conquistar: falla dos Fenicios, dos
 Carthaginezes, e dos Romanos, e na guer-
 ra destes refere a gloria de Viriato, e de
 outros varoens Lusitanos: falla tambem de
 algumas Heroínas Portuguezas, e conta o
 trágico successo da infeliz Osmia. Prosegue a
 historia de Portugal até o tempo de Au-
 gusto, e depois deste, havendo pouca mate-
 ria para os fastos militares, falla o Heróe
 da mudança da Religiaõ. Conta a introduc-
 ção do Christianismo, a constancia de alguns
 Martyres Portuguezes desde Nero até Con-
 stantino, e a pureza do culto até Honorio.
 Refere a invasão dos Barbaros no tempo
 deste Imperador. Falla dos Hunos; dos Si-
 lingos, dos Suezos e dos Godos, que ulti-
 mamente se fizeram Senhores das Hespanhas.
 Trata dos amores d' El Rey D. Rodrigo com
 Florinda filha do Conde Juliaõ; das inju-
 rias feitas a esta Dama por aquelle Princi-
 pe, da entrada deste na famosa Torre de
 Tolledo, e da tradição dos portentos, que
 alli vio. Relata a perfida vingança do Con-
 de, e a introdução dos Mouros na Hespá-
 nha, batalha de Guadalete, perda de El-
 Rey D. Rodrigo, e total ruina do Imperio
 dos Godos.*

A



A LIBERDADE

CANTO III.

Retirados do campo os combatentes
 Igualmente cansados, naõ vencidos,
 No socego procuraõ diligentes
 Repouso dar aos membros opprimidos:
 Do doce sômnno os mimos innocentes
 Logravaõ já das iras esquecidos,
 E nas tendas do campo, e na cidade
 Se obseryava geral tranquillidade.

F

Mas

II.

Mas o grande Joã, que o nobre peito
 Com mais altos cuidados occupava,
 E dos riscos da patria no conceito,
 Entre mil pensamentos fluctuava,
 Não sentia do sômnio o brando effeito,
 Nem seu suave alivio aproveitava,
 Antes nas horas, em que os mais dormiaõ,
 Mais agudos desvelos o feriaõ.

III.

Mandára no principio desta guerra,
 Por cautella maior, mais segurança,
 Revalidar no reyno de Inglaterra
 A nobre fé da antiga confiança;
 Mas postoque alcançou naquella terra
 Renovar huma sólida aliança,
 Não tinha produzido este Tractado:
 O soccorro de gentes desejado.

IV.

Apenas alguns poucos Cavalleiros
 Passado tinhaõ desta parte os mares,
 Em qualidade mais de aventureiros,
 Do que em fôrma de tropas regulares;
 Mas destes mesmos poucos companheiros
 Lograva distincçoens particulares,
 Hum delles, que Monferro se appellida
 Cavalleiro de fama esclarecida.

Com

V.

Com este largamente conferido
 Tinha Joaõ da noite a melhor parte,
 Ora sobre o soccorro appetecido,
 Ora sobre questoens do irado Marte;
 E depois quasi já de haver medido
 O termo, com que a noite se reparte,
 Por divertir occupaçoens taõ serias
 Tratavaõ variamente outras materias.

VI.

Dos Imperios do mundo mais florentes,
 Das acçoens mais illustres dos passados,
 Dos varios usos das Naçoens presentes,
 Estranhas leys, costumes encontrados,
 Do traje, e lingua de diversas gentes,
 Dos modos de viver mais apartados,
 E de outras cousas taes, de que a noticia
 Serve aos ouvidos cultos de delicia.

VII.

Era experto Monferro, e viajára
 Largos paizes desde a tenra idade,
 Onde varios estilos observára,
 Ouvira relaçoens da antiguidade;
 E depois que de algumas informára
 Ao nobre Defensor com claridade,
 Eu desejo, lhe diz, se vos naõ pesa,
 Que me informeis da Historia Portugueza.

VIII.

Mas quizera , se o tempo o permittisse,
 Os principios saber da gente Lusa,
 Qual antiga Nação a produzisse,
 Se he propria do paiz , se foi intrusa,
 Se na sorte das armas foi felice,
 Que Reys tem tido , os Capitaens , que accusa,
 Os grandes casos , e as facçoens de espanto,
 Se póde em breve historia caber tanto.

IX.

Eu contarei , o Defensor responde ,
 De tudo brevemente alguma parte,
 Bem que a minha instrucção não corresponde
 Aos desejos , que tenho de agradar-te:
 Muita luz das historias se me esconde,
 Pois mais , que ás Musas , servi sempre a Marte,
 Mas do pouco , que fei como soldado,
 Te farei hum compendio abreviado.

X.

Os principios de todos os Estados
 Saõ cobertos de fabulas grosseiras,
 Que a distancia dos annos dilatados
 Desfigura as noticias verdadeiras;
 Taes saõ no meu conceito os celebrados
 Principios deste Reyno , em que as primeiras
 Illusoens dos antigos confundiraõ
 Os successos , com sonhos , que fingiraõ.

Anti-

XI.

Antiga tradiçãõ nos assegura,
Que Tubal, de Noé notorio neto
Deu á nossa Naçãõ origem pura,
De quem guarda Setuval o epiteto;
Mas nos longes do tempo he taõ escura
Aquella fama, que ainda o mesmo affecto
Da gloria nacional naõ sei se obriga
A defender noticia taõ antiga.

XII.

Da mesma sorte deixo na incerteza
Da fé devida, alguns Herões famosos,
De quem se diz, que a terra Portugueza
Foi theatro de empenhos gloriosos;
Taes saõ os Geryoens, tal julgo a empreza
Dos Osiris, dos Hercules zelosos,
Por mais, que se acreditem na porfia
Dos Ozorios, da Torre, e da Geria.

XIII.

Nem mais abono dos primeiros annos
Os Monarchas merecem nacionaes,
Os Iberos, os Brigos, os Hispanos,
Os Tagos, os Sicoros, e outros taes;
Mas aquellas verdades, ou enganos
A toda a Hespanha vem a ser geraes;
E o tempo breve apenas me consente
As memorias contar da minha gente.

Em

XCV.

Conheceo porém tarde o torpe engano,
O desgraçado Infante, e perseguido
Pela mesma, que origem foi do damno;
Obrigado a fugir, se vio perdido;
Pois entrando no Reyno Castelhana,
Alli entre prisoens geme opprimido,
Com que o Rey inimigo em proprio abono,
Lhe impede os passos para o patrio Trono.

XCVI.

Mas em tanto, que errante, e fugitivo
Entre susos, pagava o triste Infante
O castigo do erro vingativo,
E da cega ambição pena bastante;
A Raynha tomando por motivo
Interesses do Trono vacilante,
Com ElRey de Castella em firme laço
A Princeza ajuntou, sem embaraço.

CXVII.

Era o fim principal do seu projecto
Fazer o seu poder mais respeitado,
Pela morte do Rey, de cujo affecto
Bem via ser sómente derivado;
Mas cobrindo com termo circunspecto
Os seus intentos de razoens de Estado,
Dispoz em fim a fórma deste ajuste,
De fórte, que a Nação se não assuste.

Ajustou-

XCVIII.

Ajustou-se, que o dote da Princeza
 Seria agora o mesmo, em que já fôra
 Abonada outra Infanta Portugueza,
 Que tambem de Castella foi Senhora;
 Que lograria as terras, e riqueza
 Da Raynha de Hespanha antecessora,
 E que faltando filhos a Fernando,
 Herdasse em Portugal o Regio mando.

XCIX.

Porém, que em todo caso, separado
 Este Reyno seria, e dividido
 Do dominio Hespanhol, auctorizado
 Por proprio Rey, só nelle obedecido;
 Que este seria o fructo fazonado
 Deste novo Conforcio produzido;
 E que os filhos nascidos da Princeza
 Se criassem na Côrte Portugueza.

C.

Que faltando Fernando antes, que o neto
 Por si reger podesse a Lusa gente,
 O governo do Reyno entã completo
 Gozaria a Raynha livremente;
 E que em falta daquella, o seu discreto
 Arbitrio poderia finalmente
 Nomear nacionaes Governadores,
 Dos Tractados fieis executores.

Que

CI.

Que os empregos Civis, e Militares
Dos Nacionaes sómente verdadeiros
Seriaõ pertençaens particulares,
Com perpetua exclusão dos Estrangeiros;
E que na privação destes lugares,
Se reputassem sempre forasteiros
Os mesmos Portuguezes, que a Castella
Serviraõ contra a Patria em damno della.

CII.

Que os foros, isençoens, e liberdades,
Ou por leys, ou costume auctorizadas;
Seriaõ sem mudança, ou novidades,
Em toda sua força conservadas,
Que os privilegios, terras, e Cidades,
Que algum Rey Portuguez tivesse dadas,
Igualmente seriaõ permanentes
Na Raynha, e Vassallos dependentes.

CIII.

Estes foraõ, se bem recorde agora,
Os principaes artigos de hum Tractado,
Que os Reys ambos juráraõ sem demora,
Sobre o Corpo de Christo consagrado;
Mas que foi apesar da fé, que implora,
Por Castella taõ mal executado,
Que das suas crueis faltas perjuras
Procedem todas nossas desventuras.

Pois

CIV.

Pois apenas da Parca o golpe avaro
 De Fernando cortou o triste alento,
 Quando a cega ambição por modo claro,
 O véo rasgou do torpe fingimento;
 E quebrantadas, com desprezo raro,
 As leys da honra, e a fe do juramento,
 Servio só de pretexto á tyrania
 O mais sagrado laço da harmonia.

CV.

Ficára, pela falta de Fernando,
 Confórme do Tractado a providencia,
 A Raynha Viuva governando
 O Reyno, com total independencia;
 E dos mesmos contractos observando
 As condiçoens tocantes á Regencia,
 Esperava, que o Ceo lhe concedesse
 Hum neto, a quem o Reyno obedecesse.

CVI.

Mas o Rey de Castella, em cujo peito
 Para sua ruina, e nossos damnos,
 Fazia da ambição o cego effeito
 Revolver pensamentos mais tyranos,
 Accusando por falta de respeito,
 Esta justa isenção dos Lusitanos,
 Com as armas na mão, na Lusa terra
 Se ostentou promptamente, em tom de guerra.

Alfuz.

CVII.

Assustou justamente este projecto
 Huma Nação, que adora a liberdade,
 E da mesma Raynha o terno affecto
 Se horrorisou daquella novidade;
 Acodio-se á defenza, e foi completo
 O geral alvoroço em toda a idade,
 Homens, mulheres, velhos, e meninos
 Todos buscão das armas os destinos.

CVIII.

Eu fui naquella empreza nomeado
 Para guardar algumas das Fronteiras,
 E com ordens precisas obrigado
 A rebater as armas estrangeiras;
 E assim outros tambem, a que o cuidado
 Da Raynha deu mostras verdadeiras,
 De querer defender a todo o custo,
 O paiz natural, de hum jugo injusto.

CIX.

Mas durou pouco tempo a chama pura
 Do patrio amor, no peito da Raynha,
 Em quem vivia sempre mal segura
 A firmeza da fé, que lhe convinha;
 Porque logo o rigor da sorte dura,
 Que a nossa divitaõ jurado tinha,
 Lhe ministrou motivos de pesares
 Nascidos de razoens particulares.

Del-

CX.

Delles queixosa , com tyrano intento ;
 De vingar-se sómente dezejosa ,
 Sacrificando tudo ao sentimento ,
 Se retirou da Córte , desgostosa ;
 E seguida de hum grande ajuntamento
 De parentes , e gente officiosa ,
 Se passou de Alenquer á Fortaleza ,
 Praça sua , se bem que Portugueza.

CXI.

Alli crescendo mais a força activa
 Da dura raiva , em odio dos culpados
 Na sua indignação sempre mais viva ;
 A pesar dos perdoens folicitados ,
 Confundindo na furia vingativa
 Todo o resto dos Lusos desgraçados ;
 Ella mesma incitava o Genro injusto
 A tomar Portugal a todo o custo.

CXII.

Mas não fora precisa aquella instancia ;
 Supposto que gostosa , ao Rey tyrano ,
 Que a pesar já da mesma repugnancia ,
 Entrára pela Beira , em nosso damno :
 Cresceo com tudo agora de arrogancia
 Mayor ardor no peito Castelhana ,
 E passando da Beira á Estremadura ,
 Da Sogra a companhia em fim procura.

Eu

CXIII.

Eu entãõ, sobre quem mais claramente
Fulminava a Raynha os seus enfados,
E que já do seu odio antigamente,
Tinha provado effeitos porfiados,
Aconselhado de hum temor prudente
A precaver successos mais pesados,
Deixar determinava a patria terra,
E passar ao serviço de Inglaterra.

CXIV.

Mas apenas no povo de Lisboa
Se ouviu algum rumor do meu intento,
Quando a parte mayor da gente boa
Se me ajuntou á porta do apozento;
E com vozes, que a dor sómente entoa
Nos impulsos de hum vivo sentimento,
Me pediaõ, que houvesse de leva-los,
Ou não quizesse assim desampara-los.

CXV.

Commoveo-me; confesso, aquelle aspecto,
Commoveo-me a ternura desta gente;
E supposto que firme em meu projecto,
Me sentia abalar, internamente,
Concorria da Patria o proprio affecto
A fazer este empenho mais valente;
Mas a força do risco, em que nãõ via,
Mudar de opiniaõ já não soffria.

Def-

CXVI.

Desci a consola-los magoado
 De não poder ser mais agradecido
 Nos effeitos supprindo de hum agrado
 As faltas do remedio appetecido;
 Mas dos braços de todos rodeado;
 A penas fui por elles recebido,
 Me vi mais opprimido da ternura
 Entre lagrimas, rogos, e brandura.

CXVII.

Fiz-lhe ver do meu risco a contingencia,
 O poder da Raynha, e Rey contrario,
 A malfundada dor da minha ausencia,
 Os perigos de hum caso temerario,
 De huma guerra civil a consequencia,
 A inconstancia do vulgo sempre vario;
 Mas a tudo sómente era reposta,
 Que em mim toda a esperanza estava posta.

CXVIII.

Crescia o meu pesar; mas não podia
 Convencer-se a razão do sentimento
 Porque a toda a ternura resistia
 Do meu risco o fatal conhecimento;
 Porém quando mais firme parecia
 Na prompta execução do meu intento,
 Então Go. Cavalleiro illustre, e forte
 Principia a fallar-me desta sorte.

CXIX.

Se não basta, Senhor, o desamparo
 Deste povo infeliz, que afflicto chora,
 Amover vosso espirito preclaro,
 A nobre compaixão, que vos implora,
 Se he inutil o rogo, e sem reparo
 Deixais huma Nação, que vos adora
 Ao menos permitti, que o nosso affecto
 Pondere sem paixão vosso projecto.

CXX.

Supponhamos talvez, que de Inglaterra
 No serviço fazeis grandes progressos,
 E que a sorte feliz em paz, e guerra
 Vos concede os mais prosperos successos:
 Porventura esperais naquella terra,
 Depois de mil fadigas, mil excessos,
 Alcançar algum premio mais formoso,
 Do que hoje recusais escrupuloso?

CXXI.

Quando sereis Senhor de huma Cidade
 Porquem deva Lisboa ser trocada?
 Ou donde encontrareis mais lealdade
 Do que por vós agora he desprezada?
 Pois se aqui tendes certa a dignidade,
 O poder, e grandeza desejada;
 Porque razão deveis deixar agora
 O que haveis de estimar em outra hora?

M

E

CXXII.

E se a gloria sómente he quem vos chama
 A's illustres fadigas de Mavorte,
 E de hum nome immortal a nobre fama
 Vos convida a buscar mais alta sorte,
 Onde póde da guerra a clara chama
 Luzir mais gloriosa, arder mais forte,
 Do que nas diffençoens, com que hoje assusta
 Ao valor Portuguez a sorte injusta.

CXXIII.

Pois se a favor da patria liberdade,
 Da ternura, e da fé da propria gente,
 Podeis benigno, em nossa utilidade
 Ostentar o valor tão dignamente,
 Que razão, que receyo, ou que impiedade
 Vos separa de nós tyranamente?
 Ah! Senhor, se são fortes vossos sustos,
 Não são nossos receyos menos justos.

CXXIV.

Nós todos estimamos nossas vidas;
 Mas estimamos mais a Patria amada,
 Por cuja liberdade bem perdidas
 Seraõ, se assim o quer a sorte irada,
 E se em nós taes finezas são devidas,
 De vós mais alta empreza era esperada,
 Pois nós somos patricios simplesmente,
 Vós Principe, e patricio juntamente.

Nós

XCVIII.

Alli vi Castanheda ; mas agora
 De encontrar-me naõ tanto cubiçoso ;
 Pois apenas me avista , sem demora
 Se retira com passo indecoroso ;
 Igual temor a muitos mais devõra ,
 Cujõ nome no Mundo era famoso ;
 Só Sarmento naõ vi , dizem que estava
 Entaõ no campo , aonde ElRey se achava.

CXIX.

Ontra vez a Palméla recolhido ,
 Alli me deu hum voffo mensageiro
 Huma carta , na qual sendo servido
 De fazer-me saber o verdadeiro
 Estado da Cidade , era incumbido
 De passar desta parte , em som guerreiro ,
 Para achar-me na vossa companhia
 Na gloriosa acçaõ , que se emprendia.

C.

Poucas vezes , Senhor , na minha vida
 Tive gosto mayor : O meu affecto ,
 O zêlo Portuguez , a fé devida
 A' Naçaõ , a grandeza do projecto ,
 Tudo me inflamma , tudo me convida
 Com taõ vistoso , taõ brihante aspecto ,
 Que naõ creyo , que as glorias mais formosas
 Possaõ ter attracçoens mais poderosas.

Dese-

CI.

Desejei partir logo ; mas devia ,
Segundo a mesma carta me ordenava ;
Novo aviso esperar do sitio , e dia ,
Que para a grande acção se destinava ;
E quando a dilacção já mal soffria
Da noticia , que tanto me tardava ,
Outro aviso me chega acelerado
De ser o cerco em fim abandonado.

CII.

Naõ pude resistir á força unida
Do alvoroço , do gosto , e da saudade ;
Que me obriga , me incita , e me convida
A passar desta parte da Cidade ;
E supposto , que certa , e bem sabida
Restava a principal difficuldade ,
Da passagem do rio , que guardada
Se achava do poder de toda a Armada.

CIII.

O fogo da payxaõ , que em mim se accende ;
Naõ se apaga com sopros de receyo ;
Que he bem froxo o desejo , que se rende
A's torpes sugestoes do medo feyo ;
E como o meu projecto só depende
Do meu risco , sem grave damno alheyo ,
O primeiro batel , que achei vasio
Me deu os meyoys de passar o rio.

Ca-

CIV.

Cabia nelle muito pouca gente ;
 Nem eu quizera grande companhia ;
 Mas fazendo jornada taõ contente ,
 Quiz trazer instrumentos de alegria ;
 E passando no meyo da corrente ,
 Quando apenas a aurora descobria
 Os primeiros fulgores , que mal davaõ
 Huns indicios da luz , que annunciavaõ .

CV.

Vendo o grande socego , que na Armada
 Dos contrarios reinava , sem cautela
 Dormindo a gente allí taõ socegada
 Como se o rio fosse de Castella,
 Lhe fiz dar de repente huma alvorada ;
 Pelas minhas trombetas , com taõ bella ,
 Taõ venturosa sórte , que sem damno
 Deixei tudo no susto mais tirano.

CVI.

E buscando com prompta diligencia
 O dezejado pôrto , o Céu piedoso
 Concede á minha viva impaciencia
 Na vossa vista o fim mais venturoso ;
 Permitta agora a sua providencia ,
 Que o meu zélo vos seja proveitoso ,
 E que em vosso serviço , e deste Estado
 Possa ver-se o meu nome acreditado.

Assim

CVII.

Affim fallava Nuno , e novamente
Do Defensor nos braços apertado
A resposta recebe competente
Com justas expressoens de nobre agrado ;
E recolhidos ambos juntamente
A mais proprio lugar , mais retirado ,
Alli por varias vezes examinaõ
Varios pontos de guerra , que combinaõ ;

FIM DO CANTO VI.

Affirmavit vobis, et novimur
De illis noscitur actibus
A... in rebus...
Cum...
Et...
A...
Ad...
V... de...

FIM DO CARTÃO

A LIBERDADE.

CANTO VII.

ARGUMENTO.



M quanto Nuno entretinha o Defensor, alguns Capitaens observáraõ da parte dalém do rio hum combate, de que não podéraõ bem notar as circumstancias, e sómente parecia não ser entre muita gente; mas dando conta disto ao Defensor, este se inquieta extraordinariamente e quer, que passe algum dos Capitaens mais atrevido, á parte opposta a saber a qualidade do caso: Nuno se offerece, e havendo passado, lhe envia hum mensageiro, que declara, que o caso observado fora huma escaramuça entre alguns Soldados de Nuno, e alguns Castelhanos, que excoltavaõ cinco presos, e huma Dama. Alvo-
raça-

roça-se muito mais o Defensor, manda apromptar gente, embarca, e marcha sobre Almada, para onde lhe disserão, que os Castelhanos leváráõ os presos. No Rio declara o Defensor a Vasconcellos a suspeita, que tem de que a prisioneira seja a bella Ignez. Conta-lhe os amores, que teve com esta Dama, e os embarços, que teve com seu Pay. Chega a Almada, toma a Villa, e acha dentro a bella Ignez; conta esta os seus successos, e se inflamma novamente o Defensor, tanto no seu affecto, que se descuida dos negocios mais importantes; mas o Genio Tutelar de Portugal, que receya as consequencias desta paixão do Principe, lhe prepará hum aviso por meyo de hum sonho. Descreve-se a habitação dos sonhos, e se declara a differença dellés. Expõem-se a representação do sonho do Defensor, e a sua explicação, em que se apontã as glorias de Portugal em todas as quatro partes do Mundo. Cede a paixão do amor á paixão pela gloria no coração do Defensor, que em fim recolhe a bella Ignez em hum Convento, e profegue a gloriosa empreza da defensa do Reyno.



A LIBERDADE

CANTO VII.

I.

EM tanto, que durava a conferencia
 Dos dois Heroes, que o peso sustentavaõ
 Dos negocios da Patria, e na prudencia
 Naõ menos, q̃ em valõr, se avantajavaõ ;
 Alguns dos Capitaens, que a confidencia
 Mais segura do Chefe desfructavaõ,
 E nos seus embaraços acudiaõ
 A' direcção dos casos, que occurriaõ.

Ha-

II.

Havendo attentamente examinado
 Alguns fortes, e postos importantes ;
 Onde bem se observava o rio armado ,
 E naõ menos as terras circumstantes ,
 Em hum sitio naõ muito desviado
 Do caminho de Almada, fulminantes
 Armas vêm rutilar, confusamente,
 Correr Cavallos, combater-se gente.

III.

Mal podem distinguir-se as circumstancias
 Do combate ; mas bem se reconhece ,
 A pesar dos enganõs das distancias ,
 Que hum partido sobre outro prevalece ,
 Naõ se enculca de grandes importancias
 Qualquer dos dois, no vulto, que apparece ;
 Mas o furor, que nelles reluzia
 Algum caso bem grave promettia.

IV.

Qual seja aquelle caso, ou qual partido
 O favor da fortuna desfructava ,
 O mais vivo desvelo, o mais crescido
 Naquelles Capitaens estimulava ;
 Mas o passo do rio defendido
 Pela Armada inimiga, embaraçava
 Examinar com mais fiel certeza
 Do presente successo a natureza.

Eim

V.

Em tanta confusãõ embaraçados,
 O Defensor procuraõ cuidadosos,
 A quem fazem saber os observados
 Movimentos, e passos duvidosos;
 E sendo os sentimentos elevados
 Daquelle coraçãõ, taõ generosos,
 Que o perigo maior, mais manifesto
 Já mais pôde alterar-lhe o firme gesto.

VI.

Este pequeno caso, este incidente
 Taõ natural naquella conjunctura,
 Que podéra julgar-se indifferente
 A' sorte principal da guerra dura,
 Commove agora taõ tiranamente
 Aquella alma sublime, que procura
 De balde disfarçar o grande abalço
 Com que esta relaçaõ pôde agitalo.

VII.

Que passe logo quer, á parte opposta
 Algum dos Capitaens mais destemidos,
 Com ordem de enviar prompta resposta
 Sobre aquelles encontros mal sabidos;
 Porém Nuno, que tinha já disposta
 A vontade a partir, e prevenidos
 Os meynos da viagem, se offerece
 A mandar-lhe a noticia, que apetece.

E

CXIX.

Nas partes onde anima, e fortalece
 A presença dos Reys os seus Soldados,
 Cada qual a vantagem reconhece,
 A petar dos contrarios esforçados;
 Mas o Chefe dos Lusos, que escurece
 Em valór os presentes, e passados,
 Com mais altas acçoens se solemniza,
 E nos écos da fama se eterniza.

CXX.

Elle mesmo combate os mais famosos,
 Mais bravos Capitaens, e Cavalleiros,
 E do seu ferro os golpes furiosos,
 Saõ os sustos maiores dos guerreiros;
 Elle ensina com passos valorosos
 Os caminhos da gloria verdadeiros,
 Elle abate, destróça, fere, e mata,
 Desconcerta, arruina, e desbarata.

CXXI.

Qual na sêca estaçãõ do Estio ardente
 O déstro segador com mão robusta
 Abate da seara a loura frente,
 A que o curvo instrumento ajusta;
 Tal no Campo Mavorcio o Rey valente,
 A quem perigo algum já mais affusta,
 Com dura mão cabeças inimigas
 Abate, e corta com crueis fadigas.

Guti:

CXXII.

Gutierrez, com Mendoça o féro alento,
 Quasi juntos renderão; cahe ferido
 De hum furioso golpe o bom Sarmento,
 A quem segue Godoi moço atrevido;
 Nem teve melhor fórte o bravo intento
 De Manrique, que havendo pertendido
 Ferir o fórte Rey, de hum golpe ousado
 Foi por elle com morte castigado.

CXXIII.

Tovar, Hortiz, Gonzales, e Bertando,
 Valasques, e outros mais, de quem o duro
 Longo tempo as memorias devorando,
 Deixou na luz da fama, o nome escuro:
 Por seu braço rendidos vão deixando
 Nesta parte o caminho mais seguro
 A' victoria, que já do Rey valente
 Com verde rama adorna a clara frente.

CXXIV.

Mas onde o grande Nuno combatia,
 Muito diversa a forte se mostrara;
 Porque a fama da sua valentia
 Allí mais inimigos ajuntára;
 O Rey contrario allí com mais porfia
 Os mais fórtes guerreiros convocára,
 E com sua presença havia posto
 O grande Nuno em risco de desgosto.

Com

CXXV.

Com este aviso o Rey dos Lusitanos
 Corre prompto a salvar o charo amigo,
 Sacrificando os louros mais usanos
 A' gostosa esperanza do castigo;
 Alli de novo os odios mais tyranos,
 Os mais certos horrores do perigo,
 A raiva, a furia, os damnos, e feridas
 Se repetem com furias mais crecidas.

CXXVI.

Castelhanos, e Lusos tristemente
 Huns sobre outros em montes vaõ cahindo;
 Os Reys ambos em fórma competente,
 A braveza nos seus vaõ inflaindo;
 Mas do Luso Monarca a maõ potente,
 Donde os golpes mortaes partem rugindo,
 Tantas mortes fulmina, em breve espaço,
 Que rompe da porfia o cego laço.

CXXVII.

Alli perdem as vidas mal logradas
 Os mais altos, mais bravos Cavalleiros,
 Que de Castella as armas desgraçadas
 Neste dia seguiraõ lisonjeiros;
 E vendo o Rey de Hespanha já prostradas
 As forças principaes dos companheiros,
 Por salvar sua vida as costas volta,
 E se ausenta fugindo à redea solta.

Porém

CXXVIII.

Porém o bravo Mello, que intentava
 Cumprir o grande voto, que fizera;
 E para o triste Rey se avizinhava
 Sobpesando na mão a lança fera;
 Vendo como do Campo se apartava
 Com marcha mais veloz, do que quizera;
 Ardendo em chamas vivas de honra illustre;
 Quer que a nobre promessa se não frustre.

CXXIX.

Sobre hum bruto ligeiro, que regia,
 Atravessando o Campo dos contrários;
 Elle só huns matava, outros feria,
 Dando golpes crueis, e temerarios;
 Mil feridas, passando, recebia,
 Mil estorvos achava, e riscos varios;
 Mas elle firme sempre em seu projecto,
 A morte só do Rey tem por objecto.

CXXX.

Athé que em fim chegando, onde apressado
 Fugia o triste Rey da certa morte,
 De infinitos dos seus acompanhado,
 Que escapáraõ das iras de Mavorte;
 Sendo Mello por todos rodeado,
 A pesar do valor do braço forte,
 Entre espantos da turba espavorida,
 Cançado de matar, perdeo a vida.

Ditoso.

CXXXI.

Ditoso, se da fama nos altares,
 Póde ser sacrificio de algum vulto,
 Entre o fumo de encensos não vulgares,
 Do meu plectro sincero o puro culto:
 Por elle entre os arrojados militares,
 Gozará Mello de immortal o indulto,
 E lhe será talvez de alguma gloria
 Dever ao proprio sangue esta memoria.

CXXXII.

Em tanto Sandoval com bravo alento
 Sustentava a batalha duvidosa,
 Animando com digno atrevimento
 Os empenhos da gente temerosa:
 Mas levado do louco pensamento
 De querer com disputa ambiciosa
 Oppor-se ao Luso Rey, de hum golpe duro
 A clara vida entrega ao sono escuro.

CXXXIII.

Com sua morte, e sendo geralmente
 A fugida do triste Rey notoria,
 Se desanima a Tropa, e claramente
 Favorece a fortuna a Lusa gloria;
 O campo larga em fim a estranha gente,
 Vence o Rey Lusitano, e esta victoria
 Lhe confirmou a Regia dignidade,
 E deu a Portugal a Liberdade.

F I M.

O Autor deste Poema, dezejando que elle não padecesse muita alteração na imprensa, escolheu a da Universidade de Coimbra para poder assistir pessoalmente á impressão, e poz todo o cuidado para evitar-lhe os erros; mas elle se não lisongea de conseguir o seu dezejo: Os descuidos são quazi inevitaveis em huma composição dilatada, a pesar de todo o desvelo dos officiaes, e de quem revê o seu trabalho; e a incoherencia da Orthografia Portugueza he hum embaraço terrivel. A Officina da Universidade tem adoptado a do Madureyra, e foi preciso acomodar a ella, não obstante a sua inconsequencia, e a impertinente multiplicidade de letras insignificantes de que usa: Os leitores sabios desculpem este irremediavel defeito, e supraõ os outros com as luzes da sua intelligencia.



